



Os telejornais do meio-dia no espaço doméstico: as mediações do cotidiano familiar na recepção de telejornais¹

Caroline da Costa FIGUEIREDO²

Ilka GOLDSCHMIDT³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

O artigo é resultado de um estudo de recepção dos telejornais do meio-dia na cidade de Chapecó (SC), realizado com duas famílias dos bairros Alvorada e Bela Vista. Este estudo procura compreender como se dá a recepção dos telejornais do meio-dia no cotidiano dessas famílias. Busca entender como a mediação familiar interfere na maneira como cada membro da família recebe as informações repassadas e, conseqüentemente, forma sua opinião sobre os mais diferentes assuntos.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; estudo de recepção; família; cotidiano.

INTRODUÇÃO

Estudar a recepção, conforme Martín-Barbero (2009), é questionar o comportamento que centraliza a ação do emissor. Compreender como se dá o processo de recepção de telejornais locais exibidos no horário do meio-dia no espaço do cotidiano familiar é o objetivo principal dessa pesquisa.

Conforme explica Porcello (2012), mais do que fazer a mediação, um telejornal esclarece, explica e orienta a sociedade sobre seus problemas e soluções. Neste sentido, ele destaca que é preciso refletir sobre as narrativas sonoras e audiovisuais, sobre a linguagem verbal e a não verbal, sobre os sons e silêncios que a TV expressa. A análise desta pesquisa ocorre justamente em um momento em que o acesso às informações por meio das redes sociais. Nesse novo contexto, a televisão busca encontrar alternativas de atrair a atenção desse novo perfil de público. Mudar o discurso e partir para uma linguagem mais coloquial sobre temas de maior interesse popular é uma das saídas encontradas pelos telejornais.

Durante a pesquisa foi observada e analisada a recepção dos telejornais do meio-dia, “Jornal do Meio Dia” (RIC TV Record) e “Jornal do Almoço” (RBS TV). A análise

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Acadêmica de Jornalismo da UNOCHAPECÓ; Bolsista do Núcleo de Iniciação Científica em Realidade Regional; e-mail: <carolinecosta@unochapeco.edu.br>.

³ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; Professora do Curso de Comunicação Social da UNOCHAPECÓ; e-mail: <ilkamg@gmail.com>.



ocorreu durante o período de cinco dias/visitas. O cotidiano de duas famílias de diferentes bairros (Alvorada e Bela Vista) da cidade de Chapecó (SC) foi o cenário para a análise desta pesquisa. Brittos (2002, p. 30 *apud* GROHMANN, 2009) considera o cotidiano um lugar privilegiado para a análise do processo de recepção, pois nele “[...] encontram-se desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, o habitar e a consciência do que é possível ser alcançado por cada um.”

Nesta pesquisa o cotidiano familiar foi o ponto central para o estudo da recepção. Para Bonin (2013), o entendimento é de que cada família estabelece rotinas para o desempenho de quaisquer atividades e isso não é diferente com a televisão. Conforme analisa Bonin, o espaço familiar é um lugar construído por relações, investido de significação, diferentemente dos não lugares, que por definição são espaços carentes de significação social. São objeto de apego emocional, de sentimento de pertença.

Para Grohmann (2009), o telejornal de cada dia reflete uma evolução populacional, econômica e cultural.

Ele é o lugar de referência que informa, organiza, classifica e hierarquiza as informações sobre o cotidiano. O telejornalismo facilita o acesso à realidade e contribui para reduzir o problema da inclusão pela informação. Mas não aprofunda. A abordagem é superficial e muito veloz. A desculpa é que as pessoas têm cada vez menos tempo e cada vez menor atenção. O texto tem que ser muito curto mas tão curto que muitas vezes sequer é compreendido. (GROHMANN, 2009, p. 04).

Os telejornais locais estão ainda mais perto dessa observação feita por Grohmann. Ao abordar assuntos do cotidiano de uma determinada localidade e/ou região, os telejornais aproximam-se do seu público. Os assuntos noticiados, em muitos casos, passam a fazer parte dos debates familiares, uma vez que a população consegue se enxergar retratada na abordagem feita pelo veículo.

Para responder às questões de pesquisa foi utilizado como método o Estudo de Recepção, levando em consideração que a recepção de uma mensagem passa por mediações que são influenciadas por diversos fatores. A mediação está relacionada a uma intervenção pessoal e temporal, dentro da realidade social, econômica e junto dos valores morais de cada sujeito/receptor.

Para Orozco (2003, p. 30),



[...] a mediação está na cultura, na política, na economia, na classe social, no gênero, na idade, na etnia. E ainda, nos meios, nas condições situacionais e contextuais e nos movimentos sociais. Mas também se origina na mente do sujeito, em suas emoções e suas experiências.

Ainda segundo Orozco, a influência da TV tampouco é única, devido ao fato de a TV como instituição social não estar só.

Ela coexiste ao lado de outras instituições, como a família, a escola o sindicato, a igreja, o partido político, aos movimentos sociais etc., com os quais compete na tentativa de fazer valer suas significações e predominar na socialização dos telespectadores. (OROZCO, 2003, p. 30).

AS FAMÍLIAS

Durante o mapeamento das famílias era indispensável que os membros se reunissem ao meio-dia para assistir aos telejornais. A opção em estudar a recepção no cotidiano familiar é porque, apesar de todas as transformações, Chapecó ainda é uma cidade que apresenta como característica a reunião da família ao meio-dia.

A família 01, Fernandes, composta por cinco membros, é residente do bairro Bela Vista. Formada pela avó materna (Odila Pereira Ramos, 68 anos), o pai (Marcos Antônio Fernandes, 43 anos), a mãe (Elegevite Pereira Ramos Fernandes, 41 anos), a filha mais velha (Maysa Ellen Fernandes, 21 anos) e a filha caçula (Marianna Fernandes, 5 anos). O sustento da família vem da renda mensal oriunda da loja de instalação de alarmes e películas em automóveis, “Cia do Som”. A mãe, o pai e a filha mais velha trabalham na loja e a avó materna cuida da filha mais nova durante o período matutino. A filha caçula frequenta a creche no período vespertino. A filha mais velha cursa, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), a graduação em Ciências Econômicas, no período noturno. A avó materna recebe duas aposentadorias

Já a família 02, Rigo de Almeida, moradora do Bairro Alvorada, é composta pelo pai (Jacir Torres de Almeida, 53 anos), a mãe (Silvana Rigo de Almeida, 46 anos), a filha mais velha (Andreia Torres de Almeida, 23 anos), a filha do meio (Tauane Torres de Almeida, 16 anos) e o filho mais novo (Andrei Torres de Almeida, 9 anos). Na segunda família, o pai Jacir trabalha como assalariado na empresa NIJU. A filha mais velha ajuda com o custeio das despesas da casa com sua renda da função em Recursos Humanos na empresa Engeco. A mãe é dona de casa e cuida dos outros dois



filhos. Tauane, a filha do meio, frequenta o Ensino Médio no período matutino e Andrei o Ensino Fundamental durante a tarde.

As cinco visitas foram realizadas em semanas diferentes, nos meses de julho, agosto e setembro de 2014, conforme a disponibilidade de cada família, além da aplicação de um questionário sobre pontos de maior destaque observados no cotidiano durante a análise. De acordo com Martín-Barbero (2009), a família é um âmbito de conflitos e fortes tensões. A cotidianidade familiar é, ao mesmo tempo, “[...] um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 305).

Ambas as famílias residem em casas e possuem dois televisores, um na sala e outro na cozinha. Durante as refeições na casa da família 01, em alguns dias, os televisores estavam ligados. A televisão da sala possui TV por assinatura e fica ligada em desenhos durante toda a manhã para o entretenimento da filha mais nova (Marianna), permanecendo ligada até por volta de 12:15, enquanto a avó (Odila) termina o almoço e, ao mesmo tempo, assiste na cozinha o início do telejornal da RBS TV. Quando o pai e a mãe retornam do trabalho desligam o televisor da sala e a atenção é voltada aos telejornais. O pai e a mãe sempre almoçam juntos na mesa enquanto conversam sobre assuntos de trabalho ou de casa. A troca de canal ocorreu diversas vezes durante as refeições e a escolha pelo telejornal se dava pela notícia que estava em evidência naquele momento. A audiência é selecionada conforme o assunto de maior interesse para a família e que, na grande maioria das vezes, gerou comentários.

Já na família 02, apenas a televisão da cozinha permanece ligada. O pai ocupa seu lugar na ponta da mesa enquanto aguarda o almoço ser servido. O filho mais novo (Andrei) se prepara para ir à escola enquanto a mãe organiza a mesa. A filha mais velha (Andreia) e a do meio (Tauane) retornam para casa no horário do almoço, após saírem do trabalho e da escola, respectivamente.

O diálogo entre a família ocorria quando algum membro contava uma novidade (seja do trabalho, seja da escola), ou até mesmo assuntos de família. A postura do pai é sempre respeitada, o que torna perceptível a hierarquia na família. A mãe, por exercer a função de dona de casa, é responsável por toda a sua organização. A troca de canal acontece várias vezes durante o almoço e a atenção era prendida ao telejornal quando a notícia foi de influência direta com o dia a dia da família, assim como na família 01.



A televisão como referência em veículo de comunicação

Para se caracterizar um telejornal, como declara Coutinho (2009), é necessário que uma série de fatores seja levada em consideração. Além de seguir técnicas específicas para o audiovisual, utilizando os recursos de áudio e vídeo totalmente ao seu favor, aumentando sua credibilidade, o telejornal também reconstrói de maneira mais comprobatória a realidade.

Nesse sentido, Becker (2005) ressalta que, ao representarem os fatos sociais, os telejornais acabam constituindo a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais. Porém, no momento da seleção e do tratamento das informações, os jornalistas têm o dever em cumprir de maneira ética o seu papel social. Para Alsina (2009, p. 185-190 *apud* CABRAL, 2012, p. 147), a notícia é “[...] uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível.”

Uma situação verificada no comportamento de ambas as famílias foi a forte identificação dos membros com a figura do apresentador do telejornal da RIC TV Record, Eduardo Prado. Ele foi o mais citado pelas famílias durante as visitas. Como foi o caso da reportagem apresentada sobre o trabalho infantil no dia 24 de julho. Na ocasião, Eduardo comentou sobre o tema. Sua postura despertou o debate na família 01. A posição definida do apresentar passa credibilidade para a família, situação que faz com que a figura de Eduardo seja respeitada. Segundo Elegevite, mãe da família 01, o apresentador utiliza de uma linguagem que se aproxima do público, além de sustentar sua opinião. Situação que reafirmou a relação próxima que os receptores criam com a figura do apresentador e, conseqüentemente, com o telejornal, uma vez que, segundo eles, conseguem “enxergar-se” nas notícias, sentindo-se representados socialmente. Orozco (2003) explica que:

A TV como meio técnico de informação possui um alto grau de representacionalismo, produto de suas possibilidades eletrônicas para apropriação e transmissão dos seus conteúdos. Essa qualidade de representação, além de permitir uma ‘reprodução’ da realidade de maneira fidedigna, permite ao meio televisivo ‘provocar’ uma série de reações na sua audiência, algumas de caráter estritamente racional, mas outras fundamentalmente emotivas. (OROZCO, 2003, p. 29).

Para Jodelet (2001 *apud* CABRAL, 2012), as representações sociais contribuem para a criação de um universo consensual e, na relação que se faz com a comunicação



social em seus processos midiáticos, têm sido consideradas como o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações (CABRAL, 2012, p. 150).

Stuart Hall (*apud* GROHMANN, 2009), em 1980, propôs o modelo de “codificação/decodificação” (emissão/recepção), no que diz respeito à recepção – reiterando constatações já feitas em outros campos do saber, como o modelo Teórico-Recepcional advindo dos estudos literários. De acordo com a proposta:

O significado de uma mensagem não é fixo, e sim contingencial, contextual, multirreferencial; deste modo, não há uma lógica determinante global que nos permite decifrar o significado ou o sentido ideológico de uma mensagem contra alguma grade. Existem diferentes formas de leitura, de decodificação; pode-se ler de diversas maneiras, ou seja, nunca se pode ter uma leitura fixa, ‘típico-ideal’. (HALL, 1980 *apud* GROHMANN, 2009, p. 02).

De acordo com Cabral e Santana (2010 *apud* CABRAL, 2012), a narrativa jornalística usa a ficção, manipula e simula o real, constrói verossimilhanças para contar os fatos com veracidade, entretanto, a principal diferença entre uma narrativa jornalística e funcionalizada na TV e uma puramente ficcional é que a primeira deve resultar de uma verificação histórica, conforme os ritos que a missão jornalística exige (CABRAL; SANTANA, 2010 *apud* CABRAL, 2012, p. 146).

Não se deve subestimar a inteligência, tampouco a visão crítica dos receptores no momento de seleção das informações. Wolton (1999 *apud* COUTINHO, 2009) considera que o público sabe assistir as imagens que recebe. Não é jamais passivo. Nem neutro. Para ele, o receptor filtrará as imagens em função dos seus valores, ideologias, lembranças e conhecimentos.

O público seria construído também em diálogo com as notícias veiculadas cotidianamente pelos telejornais, pelas práticas profissionais de seleção e formação que acabam por oferecer aos telespectadores determinada construção da realidade. Ao narrar o cotidiano os telejornais também tecem laços de inclusão e pertencimento com um público, que pelo vínculo e identificação com a trama apresentada, se reconhece brasileiro, no caso dos telespectadores dos programas veiculados em rede. (COUTINHO, 2009, p. 4).

Um exemplo disso é observado quando os membros de ambas as famílias relacionam as notícias com uma situação que vivenciaram. Como é o caso do pai da família 01 (Marcos), que relatou, após a notícia do roubo de um carro, quando também



teve seu carro roubado, analisando criticamente o trabalho da Polícia Militar na localização do veículo. Sendo assim, relacionou uma situação que ele mesmo vivenciou e como isso interferiu na sua rotina, uma vez que utiliza o veículo diariamente para o trabalho.

Outro exemplo se dá quando a filha mais velha da família 02 (Andreia) comenta sobre a precariedade do ensino em algumas escolas do município ao assistir uma notícia sobre a situação de descaso com a estrutura física de escolas de Chapecó. A jovem relembra de quando estudava e precisava enfrentar nos dias de chuva o medo de curtos circuitos devido às péssimas condições das instalações elétricas da escola em que estudou. Hoje, com uma visão mais crítica, Andreia analisa o problema a partir da responsabilidade de cada um com os cuidados da escola.

Orozco (2003) considera que assumir o telespectador como sujeito – e não só como objeto – frente à TV supõe, em primeiro lugar, entendê-lo como um ente em situação e, portanto, condicionado individual e coletivamente, que “se vai constituindo” como tal de muitas maneiras e se vai também diferenciando como resultado da sua particular interação com a TV e, sobretudo, das diferentes mediações que entram em jogo no processo de recepção.

É nesse sentido que o público da TV não nasce, mas se faz. O reconhecimento de que não há uma só maneira de se ‘fazer telespectadores’ é precisamente o que originou ‘batalhas televisivas’ para conquistar audiência, mas ao mesmo tempo é também o que permite pensar em sua educação crítica para a recepção. (OROZCO, 2003, p. 28).

O receptor, ao assistir uma reportagem sobre um assunto que faz parte de seu cotidiano, seja na família, seja no emprego, entre amigos ou até no bairro em que mora, pode em alguns casos sentir-se incluído na narrativa utilizada. Como é o caso observado durante as visitas, no momento da exibição das notícias de economia, o interesse pelo assunto só era despertado quando a reportagem de alguma maneira trazia informações que interferiam direta ou indiretamente nos negócios da família, como é o caso da família 01, que possui empresa própria. Já na família 02 as notícias de economia chamavam a atenção principalmente quando o assunto era elevação no preço de produtos utilizados cotidianamente pela família, tal como o preço da cesta básica. “Aumenta tudo, menos o salário mínimo”, declarou Silvana, mãe da família 02. Em alguns momentos o telejornal foi usado como referência como quando a mãe



mencionou: “Temos que ir no mercado comprar tomate na terça que é dia de feira, deu no Jornal do Almoço ontem que o preço aumentou.” Essa situação reforça a influência que os telejornais exercem no dia a dia das pessoas enquanto representatividade e serviço de utilidade, se tornando base para confirmar informações.

O telespectador compreende que as imagens encadeadas na narrativa noticiosa mostram o que aconteceu, ele busca gratificações psicológicas, e encontra parte delas na “necessidade socialmente construída, de consumir o real da mídia” (BARROS FILHO, 2003, p. 72 *apud* CABRAL, 2012, p. 151).

Essa situação acaba por se converter em audiência para o telejornal, uma vez que o morador de determinada localidade consegue ver-se através de um fato abordado no telejornal, seja positivo, seja negativo. O receptor pode desenvolver uma relação de confiança no veículo, oferecendo a ele sua atenção e fidelidade.

Partindo-se do pressuposto de que a sociedade moderna é caracterizada pela natureza fragmentada da experiência, pela consequente multiplicidade de esferas de legitimidade e pela autonomia das suas dimensões, acreditamos que, no campo mediático, o jornalismo assume hoje um imprescindível papel de mediação, garantindo deste modo a constituição de um sentido comum e a indispensável coesão social. (VIZEU, 2002, [s.p.]).

O telejornal acaba, então, se tornando um local de referência de informações. Mas há de se ter claro que, no processo de seleção, produção e edição dos conteúdos informativos, a notícia passará por uma série de filtros até chegar à casa do telespectador. Sendo assim, o jornalista faz um recorte da realidade. Jamais será possível que o fato seja relatado tal qual ele aconteceu. Outro fator a se levar em consideração é que, além das edições que uma informação passará por meio dos jornalistas, as fontes também fazem o seu recorte no momento em que relatam os fatos a partir de seus pontos de vista.

Não deveríamos acreditar em tudo que os noticiários nos contam, até porque criam *um* mundo, e não *o* mundo. Cada edição é uma versão da realidade social cotidiana. Por isso, é mais interessante, neste campo de investigação, perceber como estes discursos se constroem, se estruturam, produzem significações, até mesmo para denunciar ou relativizar os seus poderes; e não exatamente discutir se são verdadeiros ou falsos. (BECKER, 2005, p. 55).



Neste sentido, entende-se que existe por parte do emissor um interesse no momento da seleção das informações abordadas pelo telejornal. Essa seleção, em alguns casos, pode representar uma “manipulação” da mídia no que diz respeito ao cardápio de informações que será oferecido ao telespectador. Vilche (1989 *apud* CABRAL, 2012) considera que a manipulação e a simulação jornalísticas designam ações potencializadoras para a produção de sentidos, cujo grau aumentou com a tecnologia digital. Identificamos essa potência como uma estratégia, cujo conceito é apresentado como “[...] uma ampla categoria de processos que modificam (moldam e transformam), tanto objetos concretos quanto abstratos e alteram a estrutura e o significado de uma informação.” (VILCHE, 1989, p. 22 *apud* CABRAL, 2012, p. 153).

O telejornalismo é entendido em sua história como um gênero televisivo que, tradicionalmente, faz distinção entre o que é e o que não é ficção, ou seja, o que é imaginado e entretém e o que se baseia na realidade cotidiana e informa. Na prática, de acordo com Temer (2010), o que se vê é que o telejornalismo é uma instituição social com um intrincado emaranhado de estruturas híbridas de gêneros que, ao mesmo tempo que apresenta função própria, se entrelaça com outros gêneros televisivos em uma relação de mútua dependência e de contaminação (TEMER, 2010, p. 105 *apud* CABRAL, 2012, p. 143-144).

A atenção dos membros de ambas as famílias era mais voltada aos telejornais quando existia a presença de informações policiais (como acidentes, roubos, apreensões, prisões); a comoção e sensibilização por parte dos familiares era presente nesses momentos. Comentários como “Imagina se fosse com alguém da nossa família” eram frequentes em pautas de acidentes de trânsito com morte, reafirmando a presença da comoção social. Temas como o estupro também causavam comoção, acompanhado de comentários de revolta. Durante a exibição da matéria sobre a prisão de um homem de 23 anos suspeito de roubo e tentativa de estupro contra uma jovem de 14 anos, no dia 11 de agosto, a avó da família 01 demonstrou total revolta ao declarar: “Eu estava comentando ontem com a vizinha que hoje em dia não se pode confiar mais em ninguém. Eu sempre digo para os meus netos que nunca abram a porta para estranhos. Isso é uma vergonha, nem dentro de casa se temos segurança. Imagina o que essa menina não passou na mão desse homem?”, questionava a avó.

Orozco (2003) considera que a apelação emotiva é um recurso televisivo resultante da combinação de suas possibilidades técnicas de imediatismo, de provisão de imagens e de ênfase discursiva que permitem à TV fazer associações audiovisuais que



não obedecem a uma lógica tradicional de narração oral ou escrita, mas que conduzem a outros tipos de padrões, de acordo com o que alguns teóricos da comunicação denominariam de “racionalidade eletrônica”.

O bloco de esportes sempre era um momento dos pais, nas duas famílias. Nessas situações as mães e os filhos retiravam-se da mesa e dedicavam-se aos seus afazeres. Na família 01 a avó retirava a louça do almoço enquanto a filha mais velha e a mãe se preparavam para o trabalho na parte da tarde, enquanto a filha mais nova era encaminhada à escola. Na família 02 a mãe se responsabilizava pela louça enquanto o pai assistia as notícias de esporte em alguns momentos acompanhado pelo filho Andrei. Os jogos do time da Chapecoense no Campeonato Brasileiro eram os momentos de maior concentração. Ter um time local na “elite do futebol”, como o pai da família 01 se referia, era motivo de orgulho.

O interesse se dispersava quando a pauta era política. O desinteresse se dava pelo fato de, segundo a mãe da família 02, a política ser retratada pelas emissoras de maneira “suja”. A mãe acredita que a imprensa é oprimida pelos governos e que por esse motivo não retrata com profundidade a realidade política do País, deixando a população, muitas vezes, sem respostas. O caso da morte do vereador Marcelino Chiarello foi trazido à tona (ainda que durante as visitas em nenhum dos telejornais tenha sido exibidas notícias sobre o caso).

O exemplo foi citado para demonstrar o descaso que a política tem com a população. “Vejam o caso do vereador Marcelino, era um homem de bem que estava lutando para mostrar coisas sujas envolvendo a política e morreu sem maiores explicações. Virou uma história sem respostas e quanto a isso a imprensa não investigou mais a fundo. Por isso que eu digo, acontece muita coisa que a gente nem fica sabendo porque o poder econômico que esses políticos exercem na nossa cidade é enorme”, comentou Silvana.

Pautas que emocionavam ou tinham relação direta ou indireta com as famílias eram temas de debates durante o almoço. A proximidade com os assuntos retratados pelos telejornais sempre chamava a atenção dos telespectadores. Quando a notícia em destaque interferia no dia a dia das famílias, a atenção se prendia, e quando a situação parecia “longe” da realidade enfrentada pelos membros, o desinteresse era comum. Um dos exemplos dessas notícias foi o caso do “Menino Bernardo”. A doença de Bernardo Pacheco Gelain de apenas 1 ano e quatro meses é rara, a criança precisa urgentemente de um transplante de medula óssea para salvar sua vida. Com base no sofrimento



enfrentado por Bernardo e sua família, Andreia, a filha mais velha da família 01, se sensibiliza com a situação e relembra a precariedade da saúde oferecida aos brasileiros, criticando as vezes em que algum de seus familiares precisou de atendimentos rápidos e eficazes e não obtiveram esse suporte. A jovem questionou inúmeras vezes onde está o problema e como o sistema deve melhorar o serviço de saúde, não apenas em Chapecó, mas em todo o País. A notícia não envolvia nenhum membro das famílias, mas, em algum momento, a família enfrentou situações parecidas com as citadas na matéria, o que fez com que se sentissem de alguma maneira parte disso, lembrando e problematizando criticamente situações parecidas.

Nas famílias analisadas não houve a demonstração de fidelidade por nenhuma emissora. A troca de canais ocorria nas duas famílias, nenhuma delas assistia apenas a um telejornal. O controle remoto era companhia durante os almoços e a audiência era selecionada conforme a notícia oferecida pelo telejornal. A justificativa das famílias foi de que não existe preferência por emissora A ou B, apenas pela informação mais rápida e completa. O telejornal que apresentasse a notícia em primeiro lugar era a detentora da audiência naquele determinado momento. Por exemplo, nas matérias de esporte que foram transmitidas primeiramente pelo Jornal do Almoço da RBS TV. Nesse momento, os pais determinavam que a emissora a ser assistida naquele momento era aquela pela notícia de interesse.

O papel do pai é respeitado nas duas famílias, sendo assim, na grande maioria das visitas, a escolha do canal a ser assistido ficava por conta da figura paterna. Tal situação demonstrou que a opinião oriunda dos pais era sempre levada em consideração durante os debates sobre as notícias, portanto, tinha mais peso e influenciava na opinião dos demais membros da família. Porém, cada membro, com exceção das crianças, declarou ter a sua própria opinião, e que apesar de levar em consideração a opinião paterna, cada qual forma a sua ideia e julgamento sobre as situações levando em consideração, principalmente, a vivência diária de cada um fora do ambiente familiar.

Tanto a filha mais velha da família 01 quanto da família 02 demonstraram que suas opiniões e argumentos durante as conversas em família haviam se formado e remodelado no decorrer dos anos conforme cada uma foi se inserindo na sociedade e convivendo em diferentes espaços sociais, como é o caso da universidade e o círculo de amizades. É o caso da filha mais velha da família 01 ao debater de igual para igual com o pai quando o assunto era economia. A jovem que está cursando o oitavo período do curso de Ciências Econômicas teve segurança e argumentos para dialogar com o pai



sobre o aumento da energia elétrica no município, utilizando de situações aprendidas em sala de aula para justificar tais aumentos, bem como para criticar a situação do governo atual com embasamento e conhecimento de causa, uma vez que seu círculo de convivência diária lhe oferece esses momentos de reflexão e aprendizagem sobre a temática em questão.

A mudança de opinião também foi um ponto levantado e observado durante as observações. Em determinados momentos de conversa, a família chegava a um consenso em relação à opinião sobre a notícia a qual estava sendo apresentada no momento. Todos os membros eram ouvidos e tinham suas opiniões consideradas, sem demonstrar um grau de importância maior por parte de nenhum membro. Neste sentido, apesar da presença e da imposição masculina ainda ser grande, a opinião de todos os membros da família era considerada e ouvida de maneira igual, oportunizando uma troca de experiências e socializações entre as famílias.

As experiências de vida adquiridas pelas famílias, tanto em conjunto, como individualmente, são fatores que contribuíram e enriqueceram os diálogos durante as análises. Sendo assim, fica claro que o cotidiano como um todo interfere na vida das pessoas. A cidade, o bairro, o trabalho, a escola, a universidade, o círculo de amigos, tudo isso interfere na maneira de ver e viver de cada membro das famílias. Tais situações corriqueiras do cotidiano, que por muitas vezes passam despercebidas, são as responsáveis pelo acúmulo de informações e, conseqüentemente, de opiniões sobre as diferentes situações vivenciadas diariamente. Conforme declara Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este ‘mundo memória’, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’ ou desta ‘não-história’, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 2013, p. 31).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o principal objetivo desta pesquisa foi compreender a recepção dos telejornais do meio-dia de Chapecó no espaço de mediação familiar, foi possível perceber que a relação estabelecida entre as famílias analisadas e os telejornais é de confiança e credibilidade no que diz respeito ao consumo de informação. Durante o meio-dia as famílias interagem entre si sobre situações cotidianas e ficam atentas ao telejornal quando os assuntos noticiados estão ligados diretamente com a rotina das famílias.

Nestes casos os temas provocam comentários e debates, momento em que a figura paterna prevalece, ou seja, a opinião dos pais tem destaque nas duas famílias, o que não quer dizer que os demais membros não tenham o direito de expor suas opiniões, e assim o fazem, gerando discussões. Foi possível perceber que o interesse é maior por notícias relacionadas à segurança pública e temas relacionados a tragédias como acidentes e doenças. Segundo eles, quando noticiados, esses fatos provocam um sentimento de pertencimento, de identificação com os envolvidos por relatar situações que afetam diretamente suas rotinas, sentindo-se parte daquela realidade e colocando-se no lugar do “outro”.

O esporte é outro tema que desperta a atenção das famílias, especialmente quando a informação em evidência é o time de futebol da cidade, a Chapecoense e, de maneira mais efetiva, quando a notícia aborda um bom momento do clube. Nos casos em que a situação do time não é favorável a atenção é dividida entre o telejornal e conversas paralelas com os familiares.

Quando as notícias tratam de assuntos que não estão diretamente relacionados ao cotidiano das famílias a falta de interesse é evidenciada pela dispersão. Foi possível observar essa situação na veiculação de reportagens sobre a agricultura, por exemplo, uma vez que nenhuma das famílias pesquisadas tem ligação com a área. A política também não desperta tanto o interesse das famílias, a justificativa de ambas é a descrença no sistema político brasileiro, situação que em geral faz com que a atenção não seja voltada a esse tipo de conteúdo.

A relação de proximidade com os telejornais é estabelecida pela figura dos apresentadores. As abordagens são intimistas e persuasivas. Os receptores comentam que percebem os telejornais como “extensões de situações diárias, que fazem parte do seu cotidiano”, compreendendo assim os apresentadores no papel de interlocutores e representantes da sociedade.



A troca de canal ocorre em todas as famílias, nenhuma delas tem fidelidade à determinada emissora. Segundo ambas, a audiência se dá em relação à notícia e não à RBS TV ou RIC Record. As famílias também utilizam o espaço do meio dia como um momento de encontro onde os membros, além de assistirem aos telejornais para se manterem informados, conversam sobre situações cotidianas que envolvem principalmente o trabalho. Divididos entre o cotidiano familiar, do trabalho e do círculo de amigos, os familiares encontram nos telejornais um local de referência em informação. É através deles que se dizem manter informados sobre os principais fatos do dia e da semana, além de utilizar algumas dessas informações para se preparar para suas rotinas, como é o caso de notícias sobre aumentos em energia e combustível.

Durante as visitas de observação ficou nítido que a televisão é o principal meio de comunicação dessas famílias. Em meio a uma série de atividades simultâneas, como o trabalho, as atividades domésticas e a escola, a televisão é o veículo que, segundo as famílias, oferece um apanhado geral das informações do dia de maneira rápida, com fácil acesso e de credibilidade devido principalmente a informação atrelada ao uso de imagens. Outro ponto em destaque no que diz respeito à preferência pela televisão é de que mesmo em tempos de tecnologias avançadas e redes sociais as quais possibilitam um imediatismo maior das informações, a televisão continua sendo o veículo com maior credibilidade, uma vez que, segundo eles, a televisão, além de acessível, passa a fazer parte da família, sendo indispensável a sua “presença”.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Summus, 2003.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos teórico-metodológicos para estudar a mediação do cotidiano familiar na recepção. **Ciberlegenda**: Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, n. 29, 2013.

BRITTOS, Valério Cruz. **Recepção e TV a cabo**: a força da cultura local. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

CABRAL, Águeda Miranda. Manipulação, simulação e infoimagem: a realidade expandida no telejornalismo. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 1).



CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COUTINHO, Iluska. Público e identidade no telejornalismo brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo; USP, nov. 2009.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. Os estudos de recepção nos últimos trintas anos: revisão e perspectivas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 11., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, maio 2009.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

OROZCO, Guillermo. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva**. México: Universidade de Guadalajara, 2003.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. De Boni a Boninho: a mudança estética e conceitual da TV brasileira para atrair a nova classe média. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, set. 2012.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 1).

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VILCHES, Lorenzo. **Manipulación de la información televisiva**. Barcelona: Paidós, 1989.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.